

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIANA ROBERTA PARADA

**DA DISCÊNCIA À DOCÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE A
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA**

SÃO CARLOS - SP

2022

JULIANA ROBERTA PARADA

**DA DISCÊNCIA À DOCÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE A
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como exigência para a
obtenção de título de licencianda em
Pedagogia pela Universidade Federal
de São Carlos - UFSCar.

Orientadora: Alessandra Arce Hai

São Carlos-SP

2022

AGRADECIMENTOS

Gratidão implica humildade - um reconhecimento de que não poderíamos ser quem somos ou estar onde estamos na vida sem a contribuição dos outros. (EMMONS, 2020, p.16)

À luz desta citação agradeço:

A Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, aos professores e todos os funcionários por contribuírem de alguma forma com meus aprendizados;

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Alessandra Arce Hai, por aceitar me orientar com sabedoria, compreensão e gentileza, me ajudando a não desistir;

A toda minha família, principalmente minha mãe, por serem a base da minha construção enquanto ser humano, sempre me apoiando com tudo que precisei;

A meu namorado, Heitor, pelo apoio, carinho, companheirismo e por me fazer sorrir mesmo nos momentos mais difíceis;

A meus amigos, em especial ao Ítalo, pela parceria na vida e nas atividades acadêmicas desde o primeiro até o último semestre da graduação;

A todos, muito obrigada, serei eternamente grata a vocês!

“Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora.”
(SOARES, 2001)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar uma narrativa da trajetória pessoal e educacional da autora, passando por sua infância e adolescência, destacando as contribuições escolares e familiares desses períodos, até a escolha do curso de Licenciatura em Pedagogia e os principais conhecimentos considerados relevantes para construção como docente que foram obtidos através de teorias e práticas durante esta graduação. Houve a intenção de analisar e contextualizar os seus relatos com teorias educacionais, para evidenciar quais foram os aprendizados obtidos em cada período de seu trajeto. Além disso, o escrito dispõe uma seção dedicada a apontamentos e reflexões sobre a Educação Socioemocional, a fim de explicitar a importância dos conteúdos estudados como ouvinte da disciplina optativa *Educação Socioemocional para crianças de 4 a 10 anos*, que se mostrou de notório valor para sua formação pessoal e profissional.

Palavras-chave: Memorial de formação; Construção docente; Educação socioemocional.

ABSTRACT

This work's objective is to present the personal and educational trajectory of its author, from her childhood and adolescence, highlighting the scholar and familiar contributions from this period, to her choice of studying pedagogy degree and the main knowledge considered relevant for forming as a docent that were acquired through theories and practices during the studies. There was the intention to analyze and contextualize her reports with educational theories, to highlight the lessons learned in each period. Furthermore, this work contains a dedicated section to remarks and reflections about Socioemotional Education, to make explicit the importance of the contents of the optional course "Socioemotional education for children aged 4 to 10 years old", which was highly valuable for her personal and professional training.

Keywords: Memorial of formation; Construction teaching identity; Socioemotional education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MINHA ORIGEM	10
1.1 Onde tudo começou - minha família.....	10
1.2 Minha infância - desenvolvimento infantil.....	11
2 MEU PROCESSO NO ENSINO BÁSICO REGULAR	14
2.1 A primeira vez na escola.....	14
2.2 Ensino Fundamental I.....	16
2.3 Ensino Fundamental II.....	19
2.4 Ensino Médio.....	22
3 COMO CHEGUEI A ESTA GRADUAÇÃO	25
4 LICENCIATURA EM PEDAGOGIA	27
4.1 O curso de pedagogia: conhecimentos e construção docente.....	27
4.2 A graduação durante uma pandemia.....	31
5 PRÁTICAS EDUCACIONAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES	33
5.1 PIBID.....	34
5.2 Experiências na rede particular de ensino.....	36
6 REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente documento é um memorial acadêmico que será apresentado como meu trabalho de conclusão de curso enquanto graduanda de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (Campus São Carlos - SP). A oportunidade de apresentar minha trajetória neste memorial de formação acadêmica permitiu-me amplas lembranças e reflexões, buscando descrever meu desenvolvimento pessoal e acadêmico a fim de destacar as contribuições consideradas relevantes para a minha formação como docente.

Tardif (2002) aponta que a identidade profissional de uma professora ou professor descende de inúmeras experiências pessoais, culturais e sociais. São diversos os saberes construídos pelos docentes ao longo de sua jornada existencial através de experiências distintas, seja com a família, com outros grupos sociais, com a formação escolar, a partir das vivências profissionais e em todos os meios em que um indivíduo permeia. Desta forma, o que será relatado neste memorial terá relação com os acontecimentos que demarcaram e construíram meus saberes desde de minha origem até o momento atual.

A principal motivação para produção deste trabalho de conclusão de curso surgiu do interesse em refletir sobre as práticas que fundaram a minha história enquanto ser humano e que implicam diretamente na profissão docente.

Cabe destacar que o memorial é um texto onde o autor relata sua própria história de vida, colocando os fatos considerados importantes a seu ver e evidenciando as situações que justificam sua trajetória, o que, segundo Prado et al (2011), designa uma produção reflexiva de crítica e autocrítica. Deste modo, escrever um memorial é relevante, pois possibilita ao indivíduo se autoavaliar pessoalmente e profissionalmente, observando as suas qualidades e defeitos, refletindo sobre suas práticas e recriando-se enquanto pessoa e profissional.

Conforme Santos (2005. p. 1), o memorial torna-se mais relevante sob uma perspectiva "qualitativa do significado dessa vida" quando refletido pelo próprio autor, é um exercício com intencionalidade para mostrar as suas informações e as suas motivações. Trata-se, então, de uma "retomada articulada" de sua trajetória. O autor afirma, ainda sobre o memorial, que:

Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve

dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou. (SANTOS, 2005. p. 1 e 2)

Sendo assim, o objetivo deste trabalho será que eu relate, em suma, a minha história de vida, resgatando fatos relevantes de minhas vivências e refletindo, principalmente, sobre a trajetória acadêmica, possibilitando uma conexão com algumas das teorias estudadas durante cinco anos como graduanda na área da educação e buscando, dessa maneira, analisar os aprendizados que foram adquiridos.

Para tal, esta produção será estruturada em seções com temas delimitados, buscando propor as reflexões de cada etapa e as contribuições que elas representam. Na primeira seção haverá a busca em relatar a minha origem, com informações sobre a infância, as contribuições familiares para meu desenvolvimento e para a constituição de relações futuras.

Durante a segunda seção discorrerei os relatos sobre minha primeira inserção escolar, bem como, um apanhado sobre todas as etapas de minha escolarização.

Em seguida, destacar-se-á o período seguinte ao término dos meus estudos no ensino regular, a fase em que concluí a minha primeira graduação como tecnóloga em estética e cosmética pela Universidade Barão de Mauá em Ribeirão Preto - SP e minhas atuações profissionais em uma área totalmente distinta da atual, colocando os caminhos e as motivações que me levaram a escolher a graduação de licenciatura em Pedagogia.

Na repartição destinada à licenciatura em Pedagogia acontecerá uma grande lembrança de acontecimentos, desde minha mudança para uma nova cidade quando vim à São Carlos - SP para ingressar na graduação, a inserção em novos e diferentes meios sociais e, principalmente, as contribuições teóricas e práticas que refletem na minha formação como docente.

Sobre a reminiscência de tantos e distintos acontecimentos que podem ser observados no que será discorrido nos próximos tópicos deste escrito, faz-se necessário destacar o que Pinto (2013) afirma:

A lembrança possui essa força de nos colocar em xeque, de nos formular indagações sobre o vivido, sobre nossas escolhas e nossas experiências. E justamente em função desse diálogo que se inicia conosco mesmo é que nos revemos e nos surpreendemos “passando a limpo” a nossa história. Lançar-se então a escrita de um memorial de formação através do qual temos a oportunidade de registrarmos e re-fazermos um percurso específico de nossa vida, nossa formação escolar-acadêmica e

profissional. Pode ser talvez uma maneira de divisarmos outros finais para a história que está em seu pleno transcurso (PINTO, 2013, p.3).

Este trecho mostra a fundamental importância de lembrar os momentos que foram de grande aprendizado para a minha formação. A presente oportunidade de compartilhá-los com terceiros promove a exposição de experiências para trocas com outros indivíduos, proporcionando também um maior conhecimento da realidade individual ao descrever como foi construída minha identidade.

Haverá seções destinadas a explicitações e reflexões das práticas educacionais vivenciadas durante meu período de formação acadêmica, com destaque para o importante período de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID e as minhas inserções enquanto estagiária e também auxiliar na rede particular de ensino em duas escolas na cidade de São Carlos.

Outro ponto que será abordado em minhas narrativas posteriores é sobre a educação socioemocional, buscando destacar a importância do tema estudado como ouvinte da disciplina optativa Educação socioemocional para crianças de 4 a 10 anos, ofertada no quarto bloco do Ensino Não Presencial Emergencial - ENPE por minha orientadora, professora doutora Alessandra Arce Hai, onde ficou notório o valor dos conhecimentos obtidos para minha autogestão emocional no período intenso que o fim da graduação conciliado a uma rotina intensa de trabalho me proporcionou. Conhecimentos estes que serão de grande valia para serem usados em minhas futuras ações docentes, pois segundo Daniel Goleman, é possível afirmar cientificamente que:

[...]ajudar as crianças a aperfeiçoar sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar sua empatia resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria considerável do desempenho acadêmico. (GOLEMAN, 2011)

Esta afirmação, bem como, outros aprendizados acerca da educação socioemocional que obtive até o momento, serão aprofundados no tópico 6 - *Reflexões sobre a Educação Socioemocional* - almejando mostrar a perceptível importância de estarmos bem para trabalhar com crianças e auxiliá-las no desenvolvimento, visto que adultos que conseguem lidar de maneira adequada com suas emoções são capazes de conduzir as crianças para integração que é necessária entre emoções e razão, resultando em "melhor controle do corpo e das

emoções, autocompreensão mais completa, relacionamentos mais fortes e sucesso escolar". (SIEGEL; BRYSON. 2015, p. 33) Após esta seção, por fim, deixo minhas considerações finais, na busca de concluir sucintamente tantas vivências e aprendizados.

1 MINHA ORIGEM

Esta parte do memorial será dedicada a narrativas acerca de minha origem, nela contarei um pouco sobre minha família e suas contribuições para meu desenvolvimento na etapa da infância, com um destaque para reflexões que a contraste com outras infâncias que pude observar atualmente enquanto estudante de pedagogia, tia de três meninas (filhas de meus irmãos) e auxiliar na rede particular de ensino, destacando algumas perceptíveis mudanças nas interações e brincadeiras através do tempo.

1.1. Onde tudo começou - minha família

Nasci no dia 29 de março de 1993 em uma tarde de segunda-feira chuvosa, segundo minha mãe. Tal acontecimento ocorreu em Sertãozinho, uma cidade no interior do estado de São Paulo com cerca de 128.000 habitantes, localizada na região metropolitana da conhecida Ribeirão Preto. Meus pais se casaram quando tinham 16 anos, do matrimônio deles, além de mim que sou a caçula, foram concebidos meus três irmãos.

Meu pai, nascido no interior de São Paulo em 1956 é um homem simples, ele não concluiu seus estudos, acredito que tenha parado no 4º ano do Ensino Fundamental, apesar disso ele é alfabetizado e habilidoso, sempre gostou de aprender coisas novas e de consertar tudo em casa. Ele e minha mãe, após 32 anos juntos, se divorciaram, quando eu tinha 12 anos e, desde então, temos pouco contato, mas lembro que quando era criança ele foi presente, carinhoso e atencioso, mesmo tendo uma rotina intensa de trabalho e muitas vezes trabalhando à noite. Lembro que ele frequentemente levava eu e minha irmã mais velha para a escola e também para outras atividades que fazíamos, recordo também dele brincando conosco e das viagens que fazíamos juntos para visitar seus familiares e os de minha mãe aos finais de semana. Ele sempre gostou de dirigir automóveis e de nos

ensinar sobre isso. Atualmente ele ainda trabalha em uma usina que atua no setor sucroalcooleiro em Sertãozinho, nos falamos apenas de vez em quando.

Minha mãe, também nascida em 1956, dona de uma personalidade forte e muita honestidade, estudou até a oitava série do Ensino Fundamental, parou seus estudos quando engravidou do meu irmão mais velho e, mesmo tendo o apoio e incentivo de seus parentes, preferiu se dedicar para os cuidados de casa e da família. E assim fez com muito zelo, apesar da escolaridade incompleta ela tem grande desenvoltura em ler, escrever e também em fazer cálculos, sempre nos ajudou com os deveres de casa, trabalhos, pesquisas e exigia um cuidado impecável com nossos estudos e com nosso material escolar, sempre nos ensinando como fazer o que precisávamos e não fazendo por nós, hoje percebo que as atitudes dela foram fundamentais para o desenvolvimento da nossa autonomia.

1.2 Minha infância - desenvolvimento infantil

Quando estava na primeira fase de minha infância, até por volta dos três anos de idade, morava com minha família em uma colônia para colaboradores da usina onde meu pai trabalhava, eram casas simples, porém em um lugar muito agradável e tranquilo, era bem espaçoso e cercado por natureza. Pouco me lembro daquela época, mas me apropriei das memórias compartilhadas por minha mãe e irmãos e pelas fotografias que vejo de lá. Minha mãe nos deixava brincar na rua, livre das preocupações atuais dessa prática, segundo ela e meus irmãos era muito divertido.

Em 1996 nos mudamos para a cidade, exatamente para a casa onde minha mãe vive até hoje. De lá tenho muitas recordações, quanta coisa boa vivemos. Nesse período, meu pai passava a maior parte do tempo trabalhando, meu irmão mais velho já estava na graduação em Física pela Universidade de São Paulo - USP e passava o dia todo em Ribeirão Preto estudando, meu segundo irmão passava o dia fora, trabalhando e fazendo o cursinho pré-vestibular, em casa o maior tempo de convivência acontecia entre eu, minha mãe e minha irmã, que é cinco anos mais velha que eu, juntas brincávamos e brigávamos bastante. Minha mãe deixava as brincadeiras e as brigas acontecerem, sempre supervisionando, mas intervindo apenas quando era necessário. Nesse sentido, autores como Rivero e Pires (2006) afirmam que:

É importante que os pais evitem a tendência de reprimir a rivalidade entre irmãos a qualquer custo, já que esta é natural e estruturante no desenvolvimento infantil. Ao verificarem uma situação de conflito os pais deverão intervir apenas em último caso – deixar sempre que as crianças tentem primeiramente resolver o conflito por si – como mediadores, isto é, não tomando partido, mas solicitando às crianças que partilhem os seus pontos de vista e emoções sentidas. (RIVERO; PIRES. 2006, p. 1)

O estudo acima citado destaca como tal atitude é importante para o desenvolvimento de um relacionamento "bom e duradouro" entre irmãos e ainda para o aperfeiçoamento de estratégias em resolução de conflitos. Hoje, pensando nas atitudes da minha mãe nesses momentos de conflitos entre irmãos, que não eram poucos, a admiro muito, pois, mesmo em sua simplicidade de conhecimentos acadêmicos, ela sabia nos auxiliar de uma maneira que foi positiva e significativa para nosso desenvolvimento e para o modo como nos relacionamos com outros indivíduos.

Outro ponto da minha infância que merece destaque neste memorial é a influência que tive desde pequena dos docentes da minha família, meus tios e tias por parte materna sempre frequentaram muito nossa casa e nós, a deles, podemos nos definir como uma família muito unida em todos os momentos. Dentre seis de meus tios(as), três eram professores, um tio era licenciado em Matemática e deu aulas em escolas da prefeitura e estado em Sertãozinho até 2004, infelizmente naquele ano ele foi acometido por um tumor cancerígeno e logo faleceu, mas sempre estará vivo em minha memória como ele foi um ótimo tio e professor, lembro que muitas vezes aos domingos quando íamos almoçar na casa de nossa avó, onde este tio morava, ele passava o dia preparando aulas e, às vezes, corrigindo provas. Ele trabalhava muito, mas constantemente conseguia tempo para brincar comigo e com meus irmãos, para viajar conosco e para ajudar sempre que alguém precisava.

Tenho também duas tias que fizeram magistério na época do colegial e, posteriormente, licenciatura em Pedagogia, elas atuam até hoje dando aula na rede pública municipal de ensino e se aperfeiçoam sempre, o que é ótimo, pois compartilhamos livros, ideias, histórias e inspirações nas reuniões de família.

Recordo que adorava ir até a casa dessas minhas tias quando era criança, meu avô materno, que era ferreiro, morava com elas e lá, além de ter a oficina dele e um quintal gigante, cercado de natureza, que adorávamos brincar, sempre tinha brincadeiras e atividades que minhas tias preparavam para seus alunos e também faziam conosco. Lembro das músicas que elas me ensinavam, do tempo que

passávamos colorindo e até de ajudá-las a rodar atividades no mimeógrafo. O ambiente era divertido e muito estimulante para mim enquanto criança.

Posso dizer que tive o privilégio de ter uma família que sempre promoveu interações, brincadeiras, segurança e tudo que uma criança pode precisar durante minha infância, bem como, de morar em lugares amplos e de sempre estar cercada pela natureza, como na fazenda de meus padrinhos em Minas Gerais que eu adorava visitar, muitas vezes passando as férias inteiras lá. Assim tive a oportunidade de brincar livremente, de interagir com outras crianças, de subir em árvores, brincar de *bets*, pega-pega, pular corda e elástico, jogar bola, nadar no riacho, andar a cavalo, entre outras atividades que proporcionaram um ótimo desenvolvimento e boas memórias.

Ao rememorar minha infância e refletir sobre ela contrapondo as infâncias que pude observar atualmente enquanto estudante de teorias e práticas pedagógicas, tia e auxiliar na rede particular de ensino, é perceptível como as interações e brincadeiras mudaram através do tempo, penso que por causa da contribuição das transformações sociais, tecnológicas e suas influências. Apesar de eu ter nascido em um período em que as tecnologias como televisão, computador, *internet* e celular já existiam, elas não eram como hoje e também não existia tanta facilidade de acesso à elas, mesmo quando tínhamos esse acesso, elas não eram prioridade, quando criança eu trocava facilmente ver televisão por brincar no quintal, ou jogar videogame por andar de bicicleta.

Finalizo minhas breves reflexões sobre esse período destacando esse contraponto, hoje, em meu ponto de vista, há uma priorização e valorização muito grande ao uso de tecnologias tanto por crianças quanto por adultos, segundo Lima (2015, p.14) “não se vê mais crianças brincando nas ruas, utilizando de brincadeiras e brinquedos que lhes permitam usar da sua imaginação, do movimento, da motricidade e da criatividade” e para Arce (2008, p.81) “infelizmente, a presença cotidiana da tecnologia em sua versão digital e da mídia na vida das crianças tem exercido duas funções principais: distração e lazer em uma ponta e, na outra, formação de pequenos e vorazes consumidores”, o que proporciona de maneira precoce nessas crianças o acesso e desejo a brinquedos e alimentos industrializados.

O modo como minha infância aconteceu e as interações que nela tive a oportunidade de vivenciar contribuíram para que eu me tornasse uma criança ativa,

curiosa, criativa e para que assim pudesse me desenvolver de forma harmoniosa, cabe destacar que consigo sentir os benefícios dessa fase refletidos em vários aspectos da minha vida atual e que isso é gratificante.

2 MEU PROCESSO NO ENSINO BÁSICO REGULAR

Entre 1998 e 2010 estive inserida em quatro instituições escolares diferentes, a primeira foi onde realizei a última etapa da educação infantil, quando esta ainda não era obrigatória; na segunda instituição realizei o Ensino Fundamental I (da 1ª a 4ª série); em seguida, na terceira instituição, efetuei o Ensino Fundamental II (da 5ª a 8ª série); por fim, na última instituição em que estive durante esse período, realizei do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. A seguir, destacarei algumas das vivências e aprendizados que cada etapa do meu processo no ensino básico regular proporcionaram.

2.1 A primeira vez na escola

Enquanto eu era pequena minha mãe não trabalhava fora de casa e, por isso, não precisei frequentar creches, sendo assim, minha primeira inserção na escola aconteceu em 1998, quando tinha cinco anos de idade e ela me matriculou no "Jardim de Infância" da Escola Municipal de Ensino Infantil Adelaide Rodrigues da Silva Marques.

Naquela época a obrigatoriedade era que as crianças fossem matriculadas apenas no Ensino Fundamental, mas minha mãe, prevendo que minha inserção seria difícil, optou em me levar antes e ainda bem que assim ela fez. Lembro que foi pavoroso o momento em que eu soube que minha mãe não ficaria lá comigo, não tinha o hábito de ficar longe dela. Nos primeiros dias eu chorei muito, me agarrava nos lugares para não entrar, na minha mãe para ela não ir embora, mas com muito carinho e paciência a professora me cativou e, aos poucos, fui me sentindo segura ao perceber que em determinado momento minha mãe voltava e também ao ver a tranquilidade na professora e nos colegas da sala.

Ao fazer o exercício de recordar sobre essa fase fiquei surpresa de onde minha memória me levou, a princípio confirmei algumas informações que não lembrava com minha mãe, mas depois consegui me lembrar do espaço da escola, o nome de alguns colegas (o da professora nunca esqueci), das refeições que

fazíamos no pátio, das escovações de dentes e da empolgação quando era dia de passar flúor, das aulas de Educação Física que eram lecionadas por um outro professor e de como esse momento era esperado por toda a turma e até de algumas atividades que realizamos naquela época. Atividades que hoje fazem muito mais sentido pra mim, quando era pequena não fazia ideia do porquê estava passando a cordinha pelo buraco do macarrão, ou colando barbante no contorno das figuras geométricas, só lembro que me divertia fazendo tais atividades.

Pinto (2002, p.2) afirma que "ao reconstruirmos nossa memória estamos ao mesmo tempo modificando o presente e alterando o futuro", recordar dessa fase me fez pensar nas minhas atitudes que poderão vir a ocorrer enquanto futura professora, principalmente no momento de acolhimento e adaptação das crianças quando chegarem na escola, visto o quanto que a postura da minha professora naquela época foi significativa pra mim, assim como a participação, a escuta afetiva e segurança proporcionada por parte da minha família.

Desse período, referente a primeira inserção da criança na escola, deixo minhas reflexões, para além importância dos aspectos que citei acima, da relevância da escola, pais e professores no processo de socialização dessa criança, visto que neste momento é:

[...] quando a criança percebe que a realidade transcende as fronteiras de sua casa e se espalha por todo um mundo social. Aliás, algumas crises podem ocorrer neste momento exatamente pela descoberta de que o mundo dos pais não é o único existente, e sim uma pequena parte de algo infinitamente complexo e até assustador (DUARTE JUNIOR, 2006, p.80).

Visto isso, considero ainda mais relevante as atitudes que minha mãe e a professora adotaram quando foi o meu primeiro momento de inserção social escolar, elas evidenciaram os pontos positivos de estar na escola, minha mãe, quando me deixava na lá, fazia questão de reforçar que eu não precisava ter medo, que o momento dela me buscar logo chegaria e ela era pontual ao me buscar, também falava que eu podia confiar na professora e ela, por sua vez, sempre foi empática comigo, não desprezava meus sentimentos e sabia me direcionar com sensibilidade para a realização das atividades e, assim, eu acabava me distraíndo daquele momento agonizante que era a separação da minha mãe, o que fazia a hora passar rapidinho. Para finalizar a narrativa deste período e melhor compreender a importância da afetividade nesta etapa, destaco o que afirmam Amorim e Navarro (2012):

A afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca, pois ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o Ensino de Educação Infantil [...] (AMORIM; NAVARRO. 2012, p.2)

Com afetividade a professora conseguiu estabelecer um vínculo importante comigo, o que foi fundamental para minha permanência e desenvolvimento na etapa da Educação Infantil.

2.1 Ensino Fundamental I

Em 1999 ingressei na primeira série do Ensino Fundamental e, como a escola que estudei anteriormente era destinada apenas para a Educação Infantil, fui matriculada em outra escola, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Nair Teixeira Ortolan.

No primeiro momento minha inserção não foi fácil, recordo que foram dias intensos de choro quando novamente precisei me separar de minha mãe. Estava assustada, pois tinha uma nova professora, novas crianças na minha sala e uma escola que era gigante comparada a anterior. Mas, novamente, com o apoio e segurança que minha família proporcionou, junto com o carinho e atenção da professora ao me receber quando chegava na sala de aula, fui me adaptando e gostando cada vez mais de lá.

Essa escola ficava localizada perto da que estudei no ano anterior, ambas perto de casa. Fazíamos o trajeto até ela quase sempre caminhando e eu adorava esse momento, sempre gostei de caminhar. Com o passar do tempo lembro que minha mãe fez amizade com outras mães que moravam nos arredores de nossa casa, então o percurso diário ficou ainda mais divertido, pois ela ia conversando com as amigas enquanto eu e as outras crianças íamos caminhando ou, muitas vezes, correndo e brincando juntas. No caminho tinha uma praça, às vezes, quando estávamos voltando para casa após a escola, nossas mães nos deixavam parar lá para brincar, eu gostava muito desse momento.

Recordo com muito carinho o meu período de inserção nessa escola, o ambiente era amplo e agradável, adorava a biblioteca e bibliotecária que nos contava histórias e fazia apresentações divertidas com objetos e fantoches. Durante a 1ª e 2ª série estudei no período da tarde, tinha apenas uma professora polivalente em cada turma e, apesar de serem turmas volumosas de alunos, recordo que elas

eram muito organizadas e gentis conosco. Gostava de realizar as atividades em sala de aula e vibrava de alegria quando as professoras corrigiam o que eu havia feito e escreviam "Parabéns!", "Muito bem!", ou "Continue assim!".

Sempre mostrava o que fazia na escola para minha mãe e ela ficava toda orgulhosa. Ela esteve presente na minha vida escolar continuamente, auxiliava nas tarefas e projetos a serem realizados em casa, frequentava as reuniões de pais e mestres, quando podia contribuía com a associação de pais e mestres - APM para a realização dos eventos na escola e sempre comparecia em todas as minhas apresentações. Nesse sentido, Souza (2009) destaca a importância de que a família esteja presente no processo de ensino-aprendizagem, pois como o convívio com a família é maior do que com a escola, essa ação fortalece o desempenho escolar.

Ainda no que tange a importância dessa relação entre família e escola, Souza (2009) diz:

Estudos têm mostrado que o ser humano durante toda sua vida tem sido influenciado pelo meio em que vive e, sendo assim, fatores sociais, econômicos e culturais têm contribuído para o seu desenvolvimento. Desta forma entende-se que, assim como o desenvolvimento, a aprendizagem acontece sob a influência de muitos fatores, entre eles, ambientais, familiares, psicológicos, etc. (SOUZA, 2009. p. 11)

Desta forma, segundo o autor, as experiências familiares aliadas ao trabalho escolar resultam em uma maior eficácia de aprendizagem e no desenvolvimento escolar. O que me leva a reforçar o mérito da minha família em meu desenvolvimento como discente.

A partir da terceira série, por decisão da minha mãe, passei a estudar no período da manhã, apesar da mudança de horário já estava habituada com a escola e não senti tanto essa troca. Mais marcante do que isso para mim nessa época foi o fato de terem duas professoras para cada turma, ambas eram professoras polivalentes, mas cada uma ficava responsável por determinadas disciplinas, desta forma tinha uma professora para as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia e outra que era encarregada de lecionar Matemática e Ciências. Além disso, passei a ter também aulas de Inglês uma vez por semana na escola, a professora aparentava ser bem nova e inexperiente, lembro que as crianças faziam bagunça na aula dela e isso não era comum com as outras professoras.

Foi na 4ª série que tive minha primeira experiência negativa na escola, eu sempre fui uma criança obediente e participativa, minha mãe era exigente enquanto

ao nosso comportamento, sempre requereu que respeitássemos os(as) professores(as), bem como, todas as outras pessoas e ela dizia: *seu limite termina onde começa o do outro* (só depois de adulta fui compreender a profundidade e importância desta frase e sou grata a minha mãe por ter me ensinado). Eu gostava muito de estudar, tanto na escola quanto em casa, visto isso, somado ao meu comportamento, durante esse período não tive grandes dificuldades de aprendizagem e nem no relacionamento com professores e colegas.

Naquele ano tínhamos ainda mais professoras, uma delas lecionava História, Geografia e Ciências, tinham professoras específicas para Língua Portuguesa, Inglês e Matemática. E a experiência negativa que mencionei anteriormente aconteceu com a professora de Matemática. Ela era extremamente rígida e mal humorada, a presença dela logo nas primeiras aulas foram impactantes para mim, de uma maneira desfavorável. Lembro de um colega da minha turma que tinha medo dela, em suas aulas ele sempre falava que tinha dor de barriga, assim ele era levado por alguém da coordenação para fora da sala de aula. Em relação ao conteúdo e como ela ensinava eu não tive problema de aprendizado, mas não eram aulas que eu gostava de frequentar.

Posteriormente, durante a graduação de licenciatura em Pedagogia, quando realizamos a disciplina *Matemática: conteúdos e seu ensino*, logo nas primeiras aulas o professor falou sobre o problema da rigidez excessiva observada em professores de Matemática e nesse momento muitos colegas relataram histórias parecidas ou piores que a minha, de maneira que alguns ficaram traumatizados com os estudos matemáticos pelo resto da vida. Foi interessante termos realizado essa discussão, pois, em parceria com os métodos que aprendemos, tornou-se possível formular estratégias para que o ensino desta disciplina seja interessante, leve, prazeroso e efetivo para as crianças. E o compartilhamento dos relatos, junto com minhas experiências, me ajudaram a refletir sobre atitudes que não quero ter enquanto futura docente.

Fora essa experiência negativa, meu último ano no Ensino Fundamental I ocorreu bem. Após quatro anos estudando naquela escola lembro de muitos conhecimentos adquiridos, ótimas experiências de interações com outras crianças e com os funcionários da escola, aprendizados e amigos que vou levar pela vida inteira.

2.3 Ensino Fundamental II

Para iniciar meus estudos na segunda etapa do Ensino Fundamental precisei ser matriculada em uma outra escola e, apesar da preocupação de ir para um novo ambiente e saber que muitas coisas seriam diferentes nessa fase de ensino, lembro que estava eufórica para estudar em minha nova escola, a E.M.E.F. Professor Antônio Cristino Cabral. Minha irmã havia estudado lá e meu tio, aquele que contei anteriormente que era professor de Matemática, lecionou nesta escola por muitos anos. Ambos falavam de lá com muito carinho, acredito que foi isso que me deixou tão empolgada para mudança.

Iniciei a 5ª série em 2003, cheia de expectativas e com um pouco de medo. Mas minha inserção foi tranquila, logo fiz novos amigos, pois a maioria dos que haviam estudado comigo foram para outras escolas. A adaptação aos novos professores, que naquele momento já eram todos de disciplinas específicas, foi em grande parte fácil, eles eram gentis, receptivos e, em maioria, muito bons como docentes, sempre dispostos a esclarecer dúvidas e com um olhar atento aos alunos.

No Ensino Fundamental I eram utilizadas como material didático apostilas *Ler e Escrever* e EMAI - *Educação Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental*, fora isso, se bem me lembro, todas as outras atividades eram realizadas no caderno a partir de conteúdos preparados pelos professores, às vezes impressos ou mimeografados, mas era mais comum que escrevêssemos nos cadernos. Fazíamos grandes cópias da lousa, o que não era diferente no Fundamental II. A novidade naquele momento era ter um livro destinado a cada disciplina, lembro da alegria em que cheguei em casa quando eles foram entregues, minha mãe sempre os encapava com muito capricho e exigia que cuidássemos para não amassar, riscar ou danificá-los de qualquer forma. A exigência dela já era comum com o cuidado do nosso material, mas, visto que os livros didáticos eram emprestados e passariam para outro aluno no ano seguinte, ela era ainda mais meticulosa. Gostaria que outras famílias tivessem esse mesmo cuidado e capricho para com a educação e o material dos filhos, me entristecia ver a falta de zelo dos outros alunos com os materiais, com o ambiente escolar e muitas vezes a falta de respeito aos professores, funcionários e colegas.

Naquele ano, alguns meses depois do início das aulas, estava distraída copiando um texto durante a aula de Língua Portuguesa quando fui surpreendida

com a professora quase sussurrando ao meu ouvido, a olhei confusa e ela, percebendo que eu não havia entendido, repetiu: "Ju, você quer ser líder de sala?". Eu não sabia o que isso significava (enquanto escrevia para o memorial ri ao me lembrar da cena), a professora então me explicou que seria para representar a turma da 5ª série A durante as reuniões de conselho que ocorriam na escola, optei por aceitar e, como ninguém mais quis se eleger, fui escolhida. Eram momentos agradáveis as reuniões do conselho, formado por professores, pais, alunos e coordenadores para decidir questões pertinentes do ambiente escolar, mal eu sabia naquele momento, mas como aprendemos durante a graduação, se tratava de uma das ações da gestão democrática de ensino. Deste modo, considero relevante destacar a importância da participação de toda comunidade escolar neste processo de tomada de decisões, tendo em vista que:

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, estrutura e organização e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação. (LIBÂNEO, 2004, p. 102)

Visto isso, me sinto grata por ter tido a oportunidade de participar ativamente nessas reuniões, contribuindo de alguma maneira para essa gestão que aproxima a comunidade da instituição de ensino, visando garantir um processo de ensino e aprendizagem para além dos muros da escola.

Os outros anos foram decorrendo tranquilamente, ao fazer o exercício de recordar pontos importantes desse período, alguns professores foram lembrados com maior afetividade do que outros por mim. Não desmerecendo o trabalho de nenhum deles, apenas por uma questão de maior afinidade ou experiências marcantes. Tive uma professora de História fantástica, que por sorte me deu aula na maioria dos anos, ela era inspiradora, espero um dia poder encantar meus educandos como ela me encantou, suas aulas eram dinâmicas, diferente da maioria de minhas experiências escolares, recordo com alegria das gincanas de perguntas que ela realizava e de quando, tão empolgada, ela encenava as histórias que contava na frente da sala. Por causa disso, mesmo quando precisava realizar grandes e cansativas atividades dessa disciplina, as fazia com empolgação. Além dela, teve também uma excelente professora de Matemática e uma divertidíssima professora de Ciências que se sobressaíram em minha recordação, mas acredito

que todos(as) professores(as) foram importantes para minha construção de conhecimentos tanto de conteúdos escolares quanto de vida. Ao rememorar meu tempo no Ensino Fundamental II, que foi demarcado por tristes acontecimentos em meu âmbito pessoal/familiar, ficou ainda mais notório como esses professores e todas as pessoas que estavam próximas naqueles momentos, demonstrando carinho e preocupação comigo de alguma forma foram significantes.

Passei por difíceis momentos de luto entre 2004 e 2005. Primeiro com o falecimento de minha avó materna, que ocorreu na mesma semana que o do meu tio, o qual citei antes aqui. Posteriormente, de maneira ainda mais brusca e marcante, houve a morte de meu irmão mais velho, ele sofreu um acidente de carro em uma tarde de domingo enquanto viajava a negócios, desconheço perda mais triste do que essa durante minha vida. Meu irmão estava no auge do seu sucesso acadêmico e profissional, terminando o doutorado na área de Física Médica, com parte de sua experiência no exterior e com sua escola técnica recentemente inaugurada, eu o admirava tanto, mesmo com sua rotina intensa e passando o maior tempo fora de casa, nós éramos muito próximos e ele me faz muita falta.

Enquanto criança foi difícil lidar com a perda de meus entes queridos, apesar de a morte ser a única certeza que temos na vida e de ser algo que faz parte do desenvolvimento humano, acredito que pouco se fala sobre o assunto com crianças, eu não tinha preparo para chegada de tais perdas e fui colocada, conforme Giaretton et al (2020, p.3), "diante de inúmeros temores e incertezas, trazendo à tona o sentimento de impotência", não tinha como esses acontecimentos deixarem de refletir no meu desempenho escolar.

Por vezes fui acometida por sentimentos de tristeza e revolta durante o período após esses acontecimentos acima citados, o que gerou alguns obstáculos em meu percurso no Ensino Fundamental II, dentre eles alguns problemas de comportamento. Me sentia frequentemente desinteressada e apática. Lembro que uma vez a escola entrou em contato com minha mãe, porque eu havia sido encontrada "enforcando" aula no centro esportivo ao lado de lá. Foi muito memorável como a diretora me abordou naquele momento, estava preparada para levar uma grande bronca, porém, ciente de tudo o que eu havia passado, ela me chamou para conversar e disse que eles (a escola) estavam lá para me apoiar, que tinham muito carinho por mim e que se entristeciam em me ver daquela maneira, frase que surpreendentemente também ouvi de professores, alguns com quem eu

nem tinha tanta proximidade, mas que me chamaram para falar sobre a perda, o luto e como lidar com esses fatos que às vezes nos ocorrem durante a vida. Em conformidade a isso, destaco o que diz Giaretton et al (2020):

A figura do professor é importante para promover o compartilhamento das experiências de vida e possibilitar um processo de luto menos solitário e mais saudável. Nesse sentido, a escola e as relações do(a) professor(a) com o(a) aluno(a) podem consolidar-se em um meio e um vínculo que romperiam com o silêncio e com a ausência de reflexões associadas às perdas. (GIARETTON et al, 2020. p. 5)

Desta maneira, acredito que é relevante destacar como o apoio da direção/coordenação, dos professores e dos colegas da escola foram fundamentais para enfrentar o difícil período que passei com apenas 12 anos de idade. Sem o apoio deles e da minha família eu não teria aprendido a como lidar com tais sentimentos e talvez pudesse ter me prejudicado mais.

Caminho para a finalização dos relatos e reflexões desta época que foi tão intensa, diante da difícil tarefa de sintetizar tantos anos de vivências no Ensino Fundamental II, procurei destacar as lembranças e aprendizados que foram mais marcantes em minha rememoração. Além de tudo que narrei nesta seção, houve também nesse período, acredito que enquanto eu estava na 6ª ou 7ª série, a trajetória de implantação do ensino fundamental de nove anos, o que gerou uma mudança também na terminologia, de série para ano, recorde do pessoal da coordenação passando em todas as salas de aula para explicar sobre essa mudança e a confusão que isso causou na minha turma, pois alguns alunos não entendiam que não seríamos impactados com essas mudanças, muitos ficaram discutindo porque não queriam estudar um ano a mais. Por fim eles se acalmaram e a única mudança que houve de fato naquele momento foram as placas das salas, alteradas, por exemplo, de: 7ª série A, para: 7ª série (8º ano) A.

2.4 Ensino Médio

Bem diferente do contexto de mudança para escola anterior, se tem uma coisa que eu não queria quando concluí o Ensino Fundamental II era mudar para escola em que fui realizar o Ensino Médio. Porém, não havia escolha, a escola em que eu estudava antes era municipal e só atendia até a 8ª série/9º ano, sendo assim, visto que não tinha também a opção de ir para a rede particular de ensino por falta de condições financeiras, tive que ser matriculada em uma escola estadual,

esta era a Escola Estadual Anna Passamont Balardin, que ficava localizada próximo à minha casa e tinha fama de ser uma escola demarcada por violência, o que me preocupava.

Ao chegar na escola, logo fui desconstruindo a visão pré conceituada através dos relatos que ouvi, claramente a mudança foi sim impactante, mas não tanto sobre esse aspecto da violência, de uma maneira geral a estrutura da escola e comportamento dos alunos não eram diferentes do habitual, pensando na realidade de minha antiga escola. O que de fato achei chocante foi a atuação dos professores e muitas vezes, mas muitas mesmo, a falta deles. Era comum durante a semana a existência de horários vagos, pois os professores avisavam que iam se ausentar, mas a equipe de gestão escolar não conseguia outro profissional para o substituir. Às vezes até conseguiam, mas não era um substituto da disciplina específica necessária, alguns substitutos tentavam dar continuidade nos estudos do conteúdo mesmo assim, outros nos deixavam à vontade para ler, realizar exercícios caso tivéssemos, ou para conversar e desenhar.

Com relação a isso, Tavares et al (2009, p. 4) destacam que tradicionalmente o modelo de educação se baseia na interação entre professor e aluno, desta forma quando o professor se abstém "o fluxo contínuo de interação é interrompido e o tempo produtivo da aula é reduzido", destacando como prejuízo a desmotivação que isso pode causar nos estudantes. Durante esses três anos no Ensino Médio muitas vezes senti essa falta de motivação e, posteriormente, um grande despreparo para realizar provas como o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e os vestibulares, visto que, certa vez ficamos quase o ano todo sem um professor de Física.

Mesmo com a grande quantidade de absenteísmo por parte de alguns professores, considero relevante destacar que muitos profissionais que atuavam lá não deixavam a desejar, tive bons professores dos quais me recordo com muito afeto, a dedicação deles era nítida apesar das dificuldades encontradas no sistema público estadual de ensino.

Outro ponto muito marcante durante esse período é que quando estava no 2º ano resolvi que queria começar a trabalhar, na verdade era mais do que um desejo, senti uma necessidade de procurar emprego, pois a única provedora responsável por nossa casa naquela época era minha mãe, que após o divórcio com meu pai e o falecimento do meu irmão precisou procurar trabalho como empregada doméstica. Eu, vendo o tanto que ela se esforçava para não nos deixar faltar nada, não achava

justo ter que pedir dinheiro para ela toda vez que eu precisava comprar alguma coisa, visto que ela já colocava comida na mesa e pagava todas as despesas do nosso lar, sendo assim, comecei a procurar por oportunidades de emprego.

Em Sertãozinho havia um programa chamado *Programa Jovem Cidadão de Sertãozinho: Meu Primeiro Trabalho*, este era destinado para jovens de 16 a 21 anos, regularmente matriculados a partir do 2º ano do Ensino Médio, com frequência efetiva e residindo no município, com objetivo de proporcionar oportunidade de experiência profissional no mercado de trabalho. Os estágios poderiam ser realizados com duração de quatro ou seis horas diárias, durante cinco dias na semana e duração máxima de 12 meses.

Durante minha participação neste programa tive três experiências, a primeira delas em uma loja de roupas no centro da cidade, logo percebi que não levava jeito para ser vendedora, trabalhei lá por um ou dois meses e, não satisfeita, pedi meu desligamento e solicitei outra vaga. Minha segunda vivência foi em uma empresa para trabalhar na área administrativa, para me inserir nesta empresa, que ofereceu um maior salário por oito horas trabalhadas, alterei minha matrícula no Ensino Médio para o período noturno, o que foi uma decisão terrível. As faltas dos professores que comentei anteriormente eram ainda mais recorrentes à noite, porém, fiquei mesmo surpresa com o desinteresse dos alunos, muitos deles também trabalhavam o dia todo, acredito que alguns em trabalhos com grande desgaste físico. Provavelmente esses fatos contribuíam para o aparente cansaço e desinteresse de muitos. Logo percebi que meu desempenho escolar não estava sendo satisfatório, busquei então outra oportunidade de emprego que fosse em um horário onde seria possível voltar meus estudos para manhã. O que me levou a terceira e última experiência profissional em parceria com o programa *Meu Primeiro Trabalho*, fui direcionada para trabalhar em uma academia que também era clínica de fisioterapia, iniciei atuando como auxiliar de *marketing* e vendas e, posteriormente, trabalhei lá como recepcionista durante todo o terceiro ano do Ensino Médio e também no ano seguinte.

Apesar da dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos e dos obstáculos comumente apresentados na educação básica estadual, me formei no Ensino Médio em 2010. Entretanto, não posso dizer que foi com a qualificação adequada, ainda mais com os critérios exigidos nos processos seletivos para a graduação, o que se intensificava tendo em vista as opções que eu almejava. Sempre quis estudar em

uma universidade pública, nem tanto por incentivo da escola, pois poucos professores encorajavam os alunos a isso, o meu desejo vinha mais pela influência do meu irmão e das alegres recordações de quando passeava com ele pela Universidade de São Paulo. Como já esperava, ao prestar vestibulares para licenciatura em Pedagogia, não fui aprovada e, em Ciências Biológicas, até fiquei na lista de espera, mas não sentia que era a opção que eu realmente queria, acabei buscando então outros caminhos, que serão narrados a seguir.

3 COMO CHEGUEI A ESTA GRADUAÇÃO

Em 2014 me graduei no Curso Superior de Tecnologia em Estética e Cosmética pela Universidade Barão de Mauá em Ribeirão Preto - SP. Essa não era minha primeira opção, nem a segunda, ou terceira, porém, foi onde eu cheguei após não ser aprovada nas universidades públicas que almejava e não ter dinheiro suficiente para continuar a pagar a graduação de Fisioterapia, mesmo trabalhando o dia inteiro e tendo auxílio financeiro de terceiros para isso.

Passei três anos e meio estudando nesta universidade, foi um período intenso combinado com o trabalho em período integral. Porém, de uma maneira geral, eu gostava muito de estudar lá. Durante o curso de estética tive a grata surpresa de frequentar as aulas com a mesma turma em que uma amiga que conheci no 3º ano do Ensino Fundamental estava matriculada, juntas tínhamos uma rotina árdua de estudos, muitas vezes aproveitando até o tempo do trajeto intermunicipal, que percorríamos diariamente no ônibus de estudantes, para revisar os conteúdos e realizar atividades. Dentre os estudos que vivenciei, se destacaram os aprendizados acerca da anatomia, fisiologia, microbiologia e bioquímica, eu sempre me identifiquei com estudos voltados para a área de Ciências Biológicas e ter a oportunidade de realizar aulas teóricas e as práticas nos laboratórios me encantavam.

Em 2012 pedi demissão do meu emprego (que era em um salão de beleza em Sertãozinho) e comecei a trabalhar em uma clínica de estética localizada em Ribeirão Preto, em que uma colega do curso era a proprietária. Recordo que fiquei surpresa quando ela me procurou com a oferta, pois não éramos próximas, mas ela disse que eu me destacava durante as aulas e que ela gostaria de me contratar por esse motivo. Lembro que fiquei extremamente feliz em ver que minha dedicação era percebida. Nesta clínica eu atuei como esteticista e, posteriormente, como

supervisora e técnica de aparelhos para locação. Gostava muito de trabalhar naquela área, mas alguns aspectos me entristeciam, entre eles, a busca excessiva de muitas pessoas pelo que diziam "melhoria" da aparência estética, o que estava intrinsecamente ligado a um padrão de beleza imposto pela sociedade, me incomodava o modo de como essa busca por um padrão estético muitas vezes vinha "acompanhado de "angústias e rejeições". (ANJOS; FERREIRA. 2021, p.596) Além disso, me inquietava observar a comercialização de procedimentos estéticos com a premissa de que sempre haveriam ótimos resultados, desconsiderando os fatores genéticos/biológicos e os habituais (alimentação e atividade física) dos indivíduos. Os clientes viam propagandas nas mídias que pareciam milagrosas e chegavam até a clínica buscando aqueles resultados, isso dificultava muito nosso trabalho. Não adiantava explicar tudo o que entendíamos sobre os conhecimentos fisiológicos e químicos no processo de emagrecimento, ou sobre o desenvolvimento da regeneração celular em caso de estímulos para rejuvenescimento da pele, eles queriam se olhar no espelho e ver a diferença.

Após quatro anos trabalhando lá, apesar de ter aprendido muito e estar evoluindo profissionalmente (pensava isso por questões financeiras), não me sentia completamente feliz. Estava cansada por muitas vezes trabalhar cerca de 12h por dia, sem contar o trajeto intermunicipal diário de ônibus entre Sertãozinho - Ribeirão Preto e as viagens que fazia à trabalho para prestar serviços em outras clínicas parceiras de várias cidades. Sentia os conhecimentos que obtive na graduação por vezes sendo ignorados, toda vez que tentava explicitá-los, pouco me ouviam, só queriam saber se os resultados na aparência seriam notórios.

Visto isso, dominada pela vontade de voltar a estudar, de fazer parte de uma universidade pública e também por querer atuar em algo que fosse mais impactante socialmente, em 2016, com o apoio e incentivo de uma amiga muito querida que também estava em um período de busca por mudanças, realizei novamente o ENEM e, posteriormente, minha inscrição nas opções Terapia Ocupacional e Licenciatura em Pedagogia pelo *Portal Único de Acesso ao Ensino Superior - SISU*.

É indescritível a sensação de alegria, surpresa e ansiedade que senti ao saber que tinha a real chance de ingressar no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Foram semanas esperando, até finalmente confirmar na lista de 2ª chamada que eu estava aprovada e então, com

muita euforia, comecei a preparar tudo para a minha mudança de Sertãozinho à São Carlos - SP e para iniciar a atual graduação.

4 LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Esta repartição do trabalho será destinada à narrativas acerca da licenciatura em Pedagogia, nela acontecerá uma grande lembrança de acontecimentos, desde minha mudança para uma nova cidade, quando vim à São Carlos - SP para ingressar na graduação, a inserção em novos e diferentes meios sociais e, principalmente, as contribuições teóricas e práticas que refletem na minha formação como docente. Sintetizar tantos anos de aprendizado não é tarefa fácil, para tanto, procurei dividir esse período em duas seções, cada uma delas abrangendo de maneira bem resumida o que considere mais importante para minha formação em determinados períodos e experiências que a graduação proporcionou. Na subdivisão a seguir abordarei sobre os três primeiros anos do curso e, na próxima, sobre os dois últimos anos, com enfoque para as bases teóricas que obtivemos em diferentes disciplinas. Optei em fazer essa separação por ter vivenciado uma ruptura marcante durante o desenvolvimento da graduação, uma vez que precisamos cessar as aulas presenciais e nos adaptar a uma nova maneira de ensino mediante ao período de pandemia.

4.1. O curso de pedagogia: conhecimentos e construção docente

Em março de 2017 me mudei para São Carlos - SP e realizei minha matrícula na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar para cursar Licenciatura em Pedagogia no período matutino. Estava ansiosa para a nova experiência, pela primeira vez em um longo período eu seria apenas estudante e poderia viver o tão esperado objetivo de educar-me na graduação em uma universidade pública. A mudança não foi fácil, muitas coisas me preocupavam e, dentre elas, se destacava a questão financeira. Minha mãe não teria condições de custear minha permanência em outra cidade e, por já ter realizado outra graduação, não tive direito a bolsa de auxílio à moradia ou alimentação. Mas, como sempre, pude contar com o apoio da minha família, minhas tias mandavam dinheiro para que eu pudesse pagar o aluguel e as contas da casa (onde morava com mais seis estudantes) e minha mãe sempre mandava um estoque de alimentos quando ia visitá-la. Foi um período que precisei

me adaptar, pois estava vivendo com pouco dinheiro, longe dos familiares e dos amigos com quem estava acostumada e cuidando sozinha da minha alimentação e das tarefas pessoais domésticas. Apesar das dificuldades, logo tudo foi se ajeitando, me habituei facilmente às novas circunstâncias, ao novo espaço e aos novos amigos, o que foi muito importante durante o percurso até aqui.

O início da graduação foi impactante, apesar de ter frequentado outra faculdade anteriormente a organização de ambas se dá de maneiras muito diferentes e ainda tem o fato de eu ter estudado em áreas totalmente distintas. Tive a sorte de poder contar com estudantes mais experientes que me auxiliaram na localização de salas, de textos e, de uma maneira geral, a compreender a organização da Universidade Federal de São Carlos. No decorrer do curso ocorreram muitas experiências formativas, englobando diversos aspectos e vertentes relevantes sobre a educação e sua base.

Os dois primeiros semestres da graduação foram destinados em grande parte para fundamentos históricos, sociais e filosóficos da educação, o que proporcionou diferentes perspectivas para o entendimento de amplos fenômenos em diversos contextos sociais que influenciam na educação atual. Houve a apresentação de diversos teóricos que contribuíram para as práticas de ensino de alguma forma. Pude conhecer especificidades da **didática** e as principais correntes dos pensamentos pedagógicos clássicos e contemporâneos; observar os aportes e mudanças dos conhecimentos voltados para **psicologia** da educação e dos processos educativos; estudar os fundamentos da **história** da educação e das escolas, bem como as mudanças ocorridas, com destaque para questões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, entre outras; conhecer a **sociologia** como campo de estudo da educação e conceitos que a permeiam, como relações de classe, dominação, multiculturalismo e muitas outras; e ainda conceituar a **filosofia** e suas contribuições advindas das obras clássicas que subsidiam debates sobre as questões que envolvem a educação até os dias de hoje.

Foram dois primeiros semestres carregados de leituras, fichamentos e muitas atividades, como, avaliações, seminários, sínteses, discussões em grupos, entre outras. No desenvolvimento desse período me deparei com algumas dificuldades, sentia um impasse em me apropriar dos tantos conhecimentos explicitados, achava complexo realizar as leituras e reflexões, bem como as atividades propostas, pois não tinha o domínio da escrita acadêmica e de suas regras, recordo a primeira vez

que precisei fazer um fichamento para a disciplina de Didática, não sabia nem como fazer um cabeçalho, mas, como um ponto positivo, na maior parte da graduação me deparei com professores acessíveis e gentis, que foram atenciosos em esclarecer muitas dúvidas que surgiram durante meu trajeto, desta forma, aos poucos fui me apoderando das especificidades que a graduação exige e aperfeiçoando minha maneira de pesquisar, aprender, escrever, entre outras ações.

No terceiro semestre do curso, ainda bem carregado com bases teóricas, tive o contato com os primeiros estudos voltados diretamente para a **Educação Infantil**, baseados na construção histórica da infância e das instituições de ensino até a consolidação da educação como direito da criança pequena. Também houve um aprofundamento sobre as contribuições da **sociologia** e a **filosofia** para educação; e uma disciplina voltada para a **metodologia da pesquisa científica**, que contribuiu muito para diminuir a dificuldade que citei anteriormente com as normas da escrita acadêmica e com as técnicas de pesquisa. Nesse período já estava estagiando como auxiliar em uma escola da rede particular de ensino e realizando as práticas como bolsista do Pibid em uma escola da rede municipal, o que me fez perceber que as teorias, mesmo que as mais clássicas, ainda se fundem com as práticas educacionais e não dá para distanciá-las, visto que elas se complementam.

No decorrer do 4° ao 6° semestre as disciplinas começaram a abranger mais essa integração entre teorias e práticas pedagógicas, iniciamos os estudos acerca da **alfabetização e letramento** e sobre a **didática** nos planejamentos de aulas, pude me apropriar também de conhecimentos nas áreas de organização, planejamento, **administração e currículo** para rede pública escolar e, ainda, conhecer sobre as **políticas públicas** que amparam (ou não) a educação brasileira.

Além do mais, foi o período em que tive contato com as disciplinas que tratam das matérias específicas ofertadas no Ensino Fundamental, tive a oportunidade de conhecer sobre os conteúdos e o ensino de **Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências**. Essas disciplinas contribuíram para a construção dos meus conhecimentos sobre a docência, principalmente no que diz respeito à relação ensino-aprendizagem com as especificidades de cada uma, mas, por conseguinte, me fazendo refletir como um todo sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas que levem em consideração os saberes prévios dos estudantes, mostrando o que o professor não pode deixar de levar em conta, como fatos sociais, históricos e culturais que permeiam os indivíduos, para que deste modo "o processo

de ensino e aprendizagem seja efetivado na sua plenitude dentro da realidade do aluno". (KLAUSEN. 2015, p. 6404)

Em 2019 realizei meu único estágio obrigatório que ocorreu de forma presencial, o *estágio docente em alfabetização e Língua Portuguesa* oportunizou meus conhecimentos sobre a importância de dominar os conteúdos enquanto professor(a) alfabetizador(a) e, ao estudar Monteiro (2010, p. 88) também compreendi a relevância de "alfabetizar letrando e de trabalhar com as práticas de leitura e escrita de maneira lúdica e reflexiva". Ao observar as técnicas da professora na escola em que fui inserida, vivenciei práticas lúdicas e de reflexões nas leituras e atividades que ela realizava com os alunos, nesse momento eles participavam e era notório o interesse pelos conteúdos. Penso que as ações dela eram relevantes em vários aspectos, como para desenvolvimento do hábito de leitura, compreensão textual e comunicação das crianças. Durante esse estágio, em parceria com outra estudante da Pedagogia, tive a oportunidade de planejar e realizar uma regência, escolhemos como tema a alfabetização através de jogos e, sendo assim, realizamos um bingo de palavras com intenção de contemplar objetivos da alfabetização. Foi um momento de grande aprendizagem, pois tive a oportunidade de colocar em prática parte dos conhecimentos adquiridos na graduação e, ainda, com o *feedback* das professoras que assistiram tal prática, pude refletir sobre a metodologia utilizada e o desenvolvimento da aula - ação que considero muito importante enquanto docente - e pensar em pontos de melhoria para práticas futuras.

Chegando ao fim do 6º semestre da graduação, somado aos dois anos atuando como auxiliar na rede particular de ensino e um ano e meio como bolsista do Pibid, foi ficando mais nítidas ações que são imprescindíveis para constituição do docente, o que é necessário saber e fazer para desenvolver a habilidade de ensinar. Tancredi (2009) destaca que:

O que um professor precisa saber e saber fazer para ensinar alunos da Educação Infantil é diferente, mas ao mesmo tempo semelhante ao conhecimento necessário para lecionar do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Assim, independentemente das políticas e dos contextos, a semelhança fica por conta da natureza do conhecimento que os professores precisam ter e do modo como os transformam em ensino; as diferenças decorrem, entre outros aspectos, do ano de escolaridade, da faixa etária dos alunos, de seu desenvolvimento e dos contextos escolares. (TANCREDI. 2009, p. 29)

Em conformidade com a autora nessa etapa da minha formação comecei a pensar que, independentemente das especificidades do ensino de cada fase escolar,

o conhecimento que os professores precisam ter e o modo como os transformam em ensino é o que, de fato, contribui para o ensino-aprendizagem. Desta forma, o docente deve estar sempre se apropriando dos conhecimentos necessários e transformar suas práticas a partir da realidade e dos contextos de sua atuação.

4.2 A graduação durante uma pandemia

Em 2020, ao iniciar o 7º semestre, mais precisamente durante a segunda aula presencial que estava acontecendo naquele período, fomos surpreendidos com a notícia de que haveria a suspensão das atividades presenciais na universidade, pois, em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus (*sars cov 12*) a Organização Mundial da Saúde - OMS declarou que, por se tratar de uma pandemia propagada por contágio viral, a estratégia seria realizar o isolamento social, buscando diminuir o ritmo da propagação da doença. Sendo assim, as pessoas, empresas e instituições de ensino tiveram que se organizar para contribuir com o isolamento social, restringindo as interações para formas remotas. Após alguns meses, em que a Universidade Federal de São Carlos realizava os trâmites necessários para uma nova modalidade de ensino, retornamos às aulas com o *Ensino Não Presencial Emergencial* - ENPE. Desta forma, os últimos semestres da minha graduação aconteceram até o presente momento através do ensino remoto, colocado por Saviani (2020. p. 5) "como um substituto do ensino presencial excepcionalmente nesse período da pandemia em que a educação presencial se encontra interdita".

Foi um período de adaptações, acredito que tanto para alunos, quanto professores e para instituição. As aulas começaram a acontecer através da plataforma de videoconferências *Meet* e os conteúdos passaram a ser disponibilizados pelo *Ambiente Virtual de Aprendizagem* - AVA da UFSCar, ou pelo *Classroom*, dependendo da escolha dos professores.

Foram 17 disciplinas realizadas durante esse período de ensino não presencial, dentre elas muitas eram de créditos práticos, desta forma, os estágios obrigatórios foram realizados também de maneira remota, o que foi um grande desafio. Admiro a perspicácia dos professores que reestruturaram as disciplinas de uma forma que, mesmo não realizando as atividades presencialmente nas escolas,

proporcionaram de alguma forma a aprendizagem da prática que se faz necessária na formação docente.

No 8º semestre realizei os estágios de *docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental Regular*, *docência na Educação Infantil* e dois estágios de *Administração Educacional* que englobavam desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Foi um período intenso na graduação combinado com meu trabalho em período integral na rede privada de ensino, que já havia retomado as atividades presenciais. Tive que aprender a preparar aulas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental que, além de incorporar os conteúdos específicos dessas etapas, pudessem ser disponibilizados através de vídeos/atividades para as crianças pelo *Whatsapp* ou em reuniões no *Meet*, que era como as aulas nas escolas em que fui inserida para realizar o estágio estavam acontecendo. Foram noites intensas de trabalho, gravando vídeos de histórias, aprendendo a usar plataformas de edição audiovisual e criação de jogos, mas no fim, além de aprender sobre as metodologias e práticas destas fases do ensino básico, aprendi a me reinventar em tempos de ensino remoto.

Nos estágios de administração escolar, como não podíamos ir até as escolas vivenciar na prática como ocorriam suas organizações, os professores proporcionaram que as escolas viessem até nós. Através de encontros semanais pelo *Meet* diversos convidados, que atuam em diferentes escolas e contextos, realizaram apresentações e diálogos sobre o cotidiano da gestão de suas instituições, o que proporcionou uma grande troca de experiências e aprendizados.

Apesar das dificuldades que encontrei nesta modalidade de ensino, como a falta de acesso à internet que às vezes ocorreu, a falta aos aparelhos eletrônicos necessários para que os estudos fossem realizados com êxito, uma vez que meu computador quebrou e eu não tinha dinheiro para comprar outro e precisei contar com o empréstimo do computador de amigos/familiares/namorado e, ainda, pela dificuldade de concentração nas aulas *online* que por vezes se fizeram presentes, acredito que foi um período de grandes aprendizados, inclusive no que tange a adaptação de práticas de ensino. Foi tempo de reaprender, entretanto, apesar disso, ainda considero que a educação se faz, em maior parte, de forma presencial, independentemente do espaço, ela se dá através de interações. Saviani destaca que:

Deve-se ter presente que, pela sua própria natureza a educação só pode ser presencial. Como uma atividade da ordem da produção não-material em que o produto não é separável do ato de produção, a educação se constitui, necessariamente, como uma relação interpessoal implicando, portanto, a presença simultânea dos dois agentes educativos: o professor com seus alunos. E sabe-se que uma das principais funções da educação é a socialização das crianças e jovens, o que não pode ser feito com o ensino remoto ou a distância e muito menos com o ensino dito doméstico. (SAVIANI. 2020. p. 6 e 7)

Vivenciar o ensino remoto, para mim, como a forma emergencial que se fez necessária nesse período, trouxe como benefício chegar à etapa final da graduação apenas com poucos meses de atraso (a conclusão do meu curso estava prevista para o segundo semestre de 2021) e para descobrir novos meios de aprender e ensinar. Porém, senti falta das interações e da socialização que o estágio presencial proporciona, não tanto das etapas da Educação Infantil e Fundamental, ou nas ações administrativas, pois tive a oportunidade de realizar tais vivências através do Pibid e estágios não obrigatórios que realizei. O que mais senti foi falta de estar em contato direto com os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, pois nunca tive a oportunidade de realizar práticas e interações com o público desta etapa de ensino.

Refletindo sobre a graduação de Licenciatura em Pedagogia até aqui, no momento em que estou realizando o final de um longo e gratificante percurso, consigo perceber que o fazer docente é um processo contínuo, através de teorias e práticas, observações e reflexões, onde podemos e, acredito até que posso dizer que devemos, nos fazer e nos refazer constantemente enquanto professores e indivíduos, mediante ao que se faz necessário no contexto em que nos encontramos.

5 PRÁTICAS EDUCACIONAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Os subtópicos a seguir foram destinados para narrar o período em que fui bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid e o período de experiências na rede particular de ensino como estagiária e auxiliar de sala, a fim de abranger sucintamente sobre algumas contribuições das práticas educacionais realizadas concomitantemente ao período de estudante de licenciatura em Pedagogia, destacando como a junção das teorias e práticas educacionais são importantes para a formação docente.

5.1. PIBID

No decorrer de 2018 a 2020 tive a oportunidade de participar durante 18 meses do *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid*. Este programa, implementado pela *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES*, possibilitado por meio da distribuição de bolsas a licenciandos, professores da rede pública e professores universitários, juntamente com a oportunidade de atuação teórica e prática dos estudantes durante inserções nas escolas da rede pública de ensino, tem como finalidade promover uma conexão entre os graduandos de licenciaturas (futuros docentes) e estas instituições, bem como a proposta de uma "formação mais sólida, uma vez que se torna mais evidente a correlação entre prática e teoria". (NEITZEL; FERREIRA; COSTA. 2013, p. 101)

Após realizar a inscrição para o Programa e passar pelo processo seletivo, aconteceu uma reunião em que a coordenadora de área da UFSCar explicou como ocorreria o processo de inserção nas escolas e tudo que precisávamos saber sobre o desenvolvimento do Pibid. Fui alocada para realizar o Programa em uma escola municipal de ensino básico localizada no bairro Jockey Club em São Carlos - SP, lá haviam salas de 1° ao 9° do Ensino Fundamental. Partindo da demanda de interesse dos professores que lá lecionavam, eu e outra pibidiana, também graduanda de licenciatura em Pedagogia na minha turma, fomos encaminhadas para atuar em diferentes dias na sala do 3° ano.

Durante o desenvolvimento do programa, em parceria com a universidade, a escola e outros pibidianos, realizei a produção de três projetos para serem executados com as crianças. No primeiro semestre a proposta foi acerca da cultura africana, a fim de estimular nos alunos o reconhecimento da diversidade presente em nosso país advinda do continente africano, como, vocabulário, crenças, costumes, entre outros aspectos, bem como, destacar a importância do respeito e tolerância com relação às diversidades, para colaborar com a diminuição de ações de racismo, preconceito e discriminação. O segundo projeto abordou as habilidades socioemocionais, com o objetivo de estimular nos alunos o autoconhecimento para reconhecerem seus sentimentos e aprenderem a lidar com eles e, ainda, para refletirem sobre a importância da empatia e respeito ao próximo. O último projeto desenvolvido foi a respeito da educação ambiental, nele buscamos despertar nos

alunos a reflexão sobre os problemas ambientais que nos permeiam, transformando suas ações para contribuir com a preservação do meio ambiente.

Além dos projetos realizados, atendendo as demandas que a professora solicitava, outras atividades também foram efetuadas, como o auxílio aos alunos durante as aulas, assistência no desenvolvimento de projetos de leitura e apresentações em festas escolares, produção de cartazes para apoio no aprendizado de gramática, entre outras. Essas ações proporcionaram uma vivência da prática no cotidiano escolar e em conformidade com Neitzel, Ferreira e Costa:

Os licenciandos, ao vivenciarem a prática pedagógica em sua área de formação, passam a ter a sala de aula como um espaço em que se traduz o conhecimento em experiências práticas de ensino. Quando as atividades de vivência pedagógica expandem-se para além da sala de aula, amplia-se sua visão do entorno e, conseqüentemente, do todo, e o educar passa a ser percebido como um processo que ultrapassa a percepção cognitiva. (NEITZEL; FERREIRA; COSTA. 2013, p. 103)

Durante todo o desenvolvimento do Pibid realizávamos reuniões, tanto com a coordenadora por parte da universidade quanto com a coordenadora por parte da escola, para planejarmos as atividades e para avaliarmos o avanço dos projetos. Havia também as reuniões apenas com a coordenadora de área da universidade, e nessas, todos pibidianos que estavam participando do mesmo edital do Pibid, mesmo que alocados em outras escolas, participavam. Nessas socializações cada bolsista podia relatar suas vivências para juntos refletirmos sobre elas. Esse momento de troca de experiências e reflexão foram enriquecedores.

Outro ponto muito importante desta experiência foram os trabalhos acadêmicos que produzimos e as apresentações que realizamos, em 2019 participei de dois eventos muito marcantes, um deles foi o *Trabalho colaborativo em foco*, um encontro interdisciplinar que aconteceu na escola onde realizávamos nossas inserções, em que todas as bolsistas que atuavam lá apresentaram seus projetos e as atividades desenvolvidas em suas respectivas turmas. O outro evento aconteceu na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, foi o *VII encontro de iniciação à docência (PIBID) e I encontro residência pedagógica (PRP) da Ufscar: formação e profissionalização docente*, foi quando, em parceria com outras bolsistas, tive a oportunidade de apresentar um pôster com nosso trabalho *Educar para diversidade*.

E ainda, como fruto deste edital do Pibid, houve a publicação do livro *O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a interdisciplinaridade no processo de desenvolvimento profissional docente*. Para o

livro, em parceria, eu e mais dois graduandos de licenciatura em Pedagogia, escrevemos o capítulo III: *A importância da Educação Ambiental na comunidade escolar*, no qual descrevemos a experiência com a temática em um projeto de caráter interdisciplinar e transversal em conjunto com as outras licenciaturas inseridas na escola onde atuamos.

O Pibid possibilita muitos benefícios para as partes que o integram, tendo em vista o objetivo do meu trabalho, optei explicar aqui as contribuições que foram notórias em minha percepção para formação como docente. Ao ingressar no programa aconteceu meu primeiro contato com o cotidiano escolar da rede pública de ensino, pois os estágios obrigatórios só ocorreram depois, desta forma, o ingresso ao Pibid possibilitou uma proximidade entre o que eu estava vivenciando no espaço de formação acadêmica e a prática pedagógica de fato, proporcionando também uma reflexão em torno do meu processo de aprendizagem sobre a profissão “[...] a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1991, p. 65).

Cabe destacar, além disso, que experimentar um trabalho colaborativo com outros participantes - da Pedagogia e de outras áreas de formação - do Programa, bem como com a professora titular da turma e com outros profissionais durante o desenvolvimento do programa, possibilitou práticas fundamentadas nas relações interpessoais e na interdisciplinaridade, trazendo a percepção da importância que cada um e todos os envolvidos tem na repercussão de ações educativas.

Refletindo sobre esse período, concluo que a participação no Pibid contribuiu de forma significativa para minha formação docente e, ainda, para o processo de aperfeiçoamento na elaboração de projetos, planos de aula, diários de campo e de estudos acadêmicos em geral.

5.2. Experiências na rede particular de ensino

Durante dezembro de 2017 e março de 2022 tive a oportunidade de estar inserida em duas escolas da rede particular de ensino na cidade de São Carlos. Primeiro como estagiária, quando estive inserida durante dois anos desenvolvendo práticas no Ensino Fundamental. Essa foi minha primeira experiência atuando dentro de uma escola enquanto estudante de Pedagogia, um período repleto de

descobertas, em que eu pude observar e aprender muito com professores(as) experientes sobre o fazer pedagógico. Foi um período marcado por muitas experiências, das quais vou falar aqui de maneira bem resumida.

No primeiro ano de estágio passei por um grande desafio, fui direcionada, sem ter experiência nenhuma, para ser auxiliar de uma aluna com *Síndrome de Down*, naquele momento, enquanto estava no início do 3º semestre na graduação, além da falta da capacidade prática, ainda não tinha os conhecimentos vivenciados na disciplina *Fundamentos de educação especial e políticas de inclusão*. Foi através de muitas pesquisas, juntamente com a professora titular da turma - que também não tinha o preparo adequado para atender o público alvo da educação especial - que consegui ir descobrindo metodologias de ensino mais eficazes para a especificidade da aluna.

Foi um período difícil, ela era resistente e por vezes dizia que não gostava de mim, se recusava a fazer as atividades, a ficar na sala, a cumprir as regras e horários, que não eram poucas, mas com o passar do tempo fomos nos adaptando as atividades, nos acostumando uma com a outra e com a rotina, a ponto de ambas demonstrarem grande afetividade. Eu aprendi muito nesse período, não só sobre as particularidades da deficiência, mas, inclusive, sobre as relações que se estabelecem entre professor e aluno e como esse vínculo é importante para o aprendizado.

No ano seguinte, ainda na mesma escola, estagiei no 1º ano do Ensino Fundamental, fui designada para auxiliar a turma de uma maneira geral e, quando necessário, ajudar no desenvolvimento das atividades de um aluno com transtorno do espectro autista - TEA. Foi outro período de grande aprendizagem, principalmente sobre metodologias e práticas de alfabetização e letramento, aprendi a colocar em prática as avaliações diagnósticas desse processo e observar os níveis da psicogênese da escrita, vistas na graduação quando estudamos sobre a Emília Ferreiro (1986): pré-silábico, silábico (com ou sem valor sonoro), silábico-alfabético e alfabético. Bem como, aprendi muitas práticas de ensino para alfabetizar letrando.

Após dois anos meu contrato de estágio nessa escola se encerrou e comecei a procurar outras oportunidades de trabalho, fiz diversas entrevistas e, por fim, fui contratada como auxiliar de sala de aula e recreacionista em uma escola também da rede privada de ensino. Nesta escola trabalhei por dois anos em período integral e adquiri muitas experiências em várias etapas da educação básica, desde o berçário

até o 6º ano do Ensino Fundamental. Apesar de ter sido contratada como auxiliar no Ensino Fundamental e ter realizado a maioria de minhas atividades lá, durante os cursos de férias que aconteciam duas vezes por ano na Educação Infantil e quando precisavam substituir alguma auxiliar ou professora que faltava, muitas vezes fui chamada para trabalhar com as crianças pequenas, ou com os alunos maiores. Foi enriquecedor para minha formação docente poder conhecer a rotina e as práticas pedagógicas de tantas etapas diferentes.

Enquanto recreacionista, todos os dias à tarde eu tinha 1h30' com as crianças que estudavam durante o período da manhã e ficavam na escola em período integral, realizando também o ensino bilíngue, quando elas terminavam as atividades íamos para nossa sala e durante esse tempo eu podia exercer minhas práticas com mais autonomia, pois se tratava de uma turma exclusivamente minha, o que a primeiro momento foi um desafio, visto que era uma turma volumosa com alunos do 1º e 2º ano e, além do mais, porque era minha primeira experiência sozinha em uma sala de aula. Porém, Tancredi afirma que:

Um professor desenvolve seu conhecimento profissional quando transforma o conhecimento do conteúdo específico e pedagógico, adequando-os aos alunos e os contextos de atuação. Esse conhecimento profissional se adquire e se aprimora durante o planejamento das aulas e em seu desenvolvimento, no contato com os alunos no contexto da escola; é um conhecimento prático, pessoal e situado, específico da docência. (TANCREDI. 2009. p. 24)

Sendo assim, com a minha turma eu podia planejar e realizar atividades, projetos e brincadeiras, isso contribuiu para que eu pudesse me sentir mais ainda como professora na prática e, desta forma, pude desenvolver parte do conhecimento profissional da docência.

6 REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL

Além das contribuições já colocadas até aqui sobre os aprendizados obtidos durante minha vida, a graduação de Licenciatura em Pedagogia e as práticas educacionais, considerei relevante fazer esta seção destinada exclusivamente para discorrer sobre minhas reflexões pautadas na educação socioemocional, visto que essas questões me permearam em muitos aspectos durante a jornada pessoal e acadêmica.

Para tal, começo destacando o contexto que me fez refletir mais diretamente sobre a importância deste conteúdo e com maior profundidade. Anteriormente eu já me interessava pelo tema e tive a oportunidade de vivenciá-lo enquanto aprendiz de educadora de forma sucinta em teorias e práticas através do planejamento e desenvolvimento do projeto *Habilidades socioemocionais*, realizado durante minha inserção no *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*, porém, foi no último semestre da graduação - conciliado a uma rotina intensa de trabalho como auxiliar de sala de aula e recreacionista na rede privada de ensino e acontecimentos pessoais os quais me desregularam emocionalmente - que senti a real notoriedade do tema.

Ao conversar com minha orientadora, Alessandra Arce Hai, sobre o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, que a princípio seria em outra estrutura e assunto, ela me sugeriu a escrita deste memorial e, visto meu interesse, me convidou para participar como ouvinte da disciplina optativa *Educação socioemocional para crianças de 4 a 10 anos*, ofertada por ela no quarto bloco do Ensino Não Presencial Emergencial - ENPE. Apesar das questões socioemocionais perpassarem por todo meu percurso enquanto ser humano, é sobre os aprendizados obtidos durante a experiência da disciplina que vou discorrer aqui, pois eles foram notórios para meu crescimento pessoal e profissional enquanto futura educadora.

Durante o andamento da disciplina, além de estudar bases teóricas da psicologia e neurociência para discutir sobre o desenvolvimento cerebral e socioemocional dos indivíduos e a respeito do bem estar, também tive a oportunidade de aprender como trabalhar a aprendizagem e o progresso da educação socioemocional em crianças com técnicas baseadas em yoga e meditação.

Ademais, durante as aulas foi proposto que praticássemos nosso autoconhecimento e autogestão das emoções através de práticas de meditação e outros exercícios, essas ações proporcionaram a oportunidade de investigar minhas emoções e como eu lido com elas, o que foi fundamental, visto o período em que eu me encontrava, além das exigências trazidas pelo percurso final da graduação, conciliar isso com uma sobrecarga no trabalho estava me fazendo mal, causando um esgotamento físico e mental. Goleman (2011) destaca que:

Quando as exigências se tornam grandes demais para darmos conta delas, quando a pressão nos oprime - muito para fazer com muito pouco tempo ou apoio -, entramos na zona de estresse ruim. Logo acima da zona ótima no topo da curva do desempenho há um ponto mais alto onde o cérebro secreta demasiados hormônios de estresse, e eles começam a interferir na nossa capacidade de trabalhar bem, aprender, inovar, escutar e planejar de forma eficaz. (GOLEMAN. 2011, p. 64)

Os estudos realizados me fizeram perceber que estava entrando nessa zona de estresse ruim, o que, a longo prazo, pode causar sérios "desequilíbrios no sistema imunológico e nervoso" (GOLEMAN. 2011, p. 64). A partir desse ponto mudei minhas atitudes, trabalhando minha auto regulação emocional e deixando de lado, na medida do possível, coisas que não estavam me fazendo bem, como o trabalho em período integral que estava me sobrecarregando. Afinal, durante a disciplina ficou perceptível a importância de estarmos bem para trabalhar com crianças, pois adultos que conseguem lidar de maneira adequada com suas emoções são capazes de conduzir as crianças para integração que é necessária entre emoções e razão.

No decurso das aulas da disciplina a professora Alessandra me fez entender como o papel do professor é essencial para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional das crianças, visto que cada vez as crianças passam mais tempo na escola e os educadores dão grande suporte para tais desenvolvimentos, juntamente com a família, pois é no âmbito familiar que ocorre a primeira incursão nas emoções e as maneiras de como lidar com elas, o que salienta a pertinência de escola e família trabalharem juntas.

A partir dos estudos baseados na neurociência, além de conhecer um pouco mais sobre o cérebro e suas funções no sentido anatômico através das neuroimagens, pude conhecer sobre a neuroplasticidade, ou plasticidade cerebral, conceitos em que faz-se possível afirmar, através de pesquisas feitas com "tecnologia de tomografia cerebral" que o cérebro é moldável, se modificando fisicamente durante a vida de um indivíduo por meio de suas experiências. O que sugere "que não somos prisioneiros durante o restante da vida da forma como nosso cérebro funciona neste instante - podemos realmente reprogramá-lo para sermos mais saudáveis e felizes". (SIEGEL; BRYSON. 2015, p. 28 e 29)

Após os conhecimentos que foram proporcionados, mudei muitas concepções que eu tinha pré estabelecidas, o que tornou possível enxergar as questões sociais

e emocionais nas crianças com outros olhos, pois pude compreender um pouco mais de como o cérebro se desenvolve e a função de cada uma das suas divisões.

Segundo Siegel e Bryson (2015) o cérebro é dividido em dois hemisférios, o lado esquerdo que "ama e deseja a ordem, é lógico, literal, linguístico (gosta de palavras) e linear (põe as coisas em sequência ou ordem", já o cérebro direito é "holístico e não verbal", "especialista em imagens, emoções e lembranças pessoais". Apesar dessas divisões e suas especificidades, os autores afirmam que "é fundamental que nossos dois hemisférios funcionem juntos". (SIEGEL; BRYSON. 2015, p. 39 e 41). Eles destacam ainda que nas crianças muito pequenas - de zero a quatro anos - o lado direito do cérebro é prevacente e que este órgão só é classificado totalmente desenvolvido quando estamos com vinte e poucos anos.

Outra divisão cerebral que Siegel e Bryson (2015, p. 72 e 73) explicam é a parte de cima e a parte de baixo. Na região de baixo estão localizados o tronco cerebral e a região límbica, denominadas partes mais primitivas e responsáveis por "reações inatas, impulsos e emoções como raiva e medo". A parte de cima comporta o córtex cerebral, pré frontal e médio, local onde ocorrem "processos mentais mais intrincados, como pensar, imaginar e planejar". Um detalhe importante é que, segundo os autores, a parte inferior já está bem desenvolvida quando um indivíduo nasce, enquanto a parte superior é uma das últimas partes a se desenvolver. Saber disso me auxiliou a entender que muitas vezes as crianças fazem o melhor que conseguem para lidar com determinadas situações e que é necessário, enquanto educadores/cuidadores, reconhecer os sentimentos delas e agir com empatia.

Ficou notório que as crianças precisam de auxílio para nomear, distinguir e entender as emoções, bem como, para integrar o cérebro como um todo, haja vista que "um cérebro integrado resulta em tomada de decisão aprimorada, melhor controle do corpo e das emoções, autocompreensão mais completa, relacionamentos mais fortes e sucesso escolar". (SIEGEL; BRYSON. 2015, p. 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar a escrita deste memorial acadêmico como trabalho de conclusão de curso proporcionou muitas memórias e percepções em diferentes âmbitos e fases da minha vida. Percebo que analisar minha trajetória, registrando-a em narrativas reflexivas, possibilitou uma oportunidade ímpar de combinar minhas

compreensões das vivências com algumas concepções teóricas, dando forma aos meus pensamentos e me fazendo lembrar de aprendizados que contribuíram de diversas maneiras para a formação de minha identidade pessoal e profissional.

Ao refletir sobre minha infância e contrapor as experiências de tal período com as infâncias que eu tive a oportunidade de observar depois de adulta, ficou notório como as modificações sociais constituem e influenciam as formas de ser e agir na infância. Em relação ao meu período escolar, ao refletir sobre ele ficou explícito a importância do papel do professor e de suas relações com os estudantes para eficácia do ensino e da aprendizagem. Bem como, foi perceptível o valor do apoio de minha família para o auxílio no desenvolvimento escolar e para tantas outras questões pessoais, contribuições que se fazem presentes em meus atos até os dias de hoje.

Busquei realizar, resumidamente, algumas reflexões sobre a educação socioemocional, visto que as questões sociais e emocionais perpassam toda minha história de vida e, ainda, pela relevância do tema, estudado com maior profundidade recentemente, para meu crescimento pessoal e profissional. Percebo que ainda tenho muito o que aprender e evoluir, esta é uma área de grande interesse para meus futuros estudos.

Com relação às experiências das teorias e práticas pedagógicas realizadas durante a graduação de Licenciatura em Pedagogia e suas contribuições para formação como docente, pude perceber grandes aprendizados, que são essenciais para atuar em várias etapas da educação básica. Em conformidade com Tardif (2000):

Tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais. (TARDIF, 2000, p. 7).

Sendo assim, reforço que o fazer docente é um processo contínuo, para além dos estudos universitários iniciais, buscarei continuar minha formação pessoal e acadêmica, através de teorias, práticas e observações reflexivas, repensando e refazendo minhas ações enquanto professora da melhor maneira possível, mediante ao que se fizer necessário no contexto em que me encontrar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v.1, n.7, 2012. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32535621/afetividade_educacao_infantil-with-cover-page-v2.pdf?> Acesso em: 19/03/2022.

ANJOS, Larissa Alves dos; FERREIRA, Zâmia Aline Barros. Saúde Estética: Impactos Emocionais causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade. *Id on Line Rev.Mult. Psic.*, Maio/2021, vol.15, n.55, p. 595-604, ISSN:1981-1179

EMMONS, Robert A. **Agradeça e seja feliz: como a ciência da gratidão pode mudar sua vida para melhor.** Tradução: Maria Clara de Biasi W. Fernandes. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. **Psicogênese da língua escrita.** Artes Médicas: 1986.

GIARETTON, Daynah Waihrich Leal et al. A escola ante a morte e a infância: (des) construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FJ3gwgKxR4Cbkb8tNkG8tD/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 22/03/2022.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Tradução: Marcos Santana. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KLAUSEN, Luciana dos Santos. **Aprendizagem significativa: um desafio.** Santa Catarina (SC). EDUCERE, 2015.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

MONTEIRO, Maria Iolanda. **Alfabetização e letramento na fase inicial da escolarização.** São Carlos: EdUFSCar, 2010.

NEITZEL, Adair Aguiar; FERREIRA, Valéria Silva; COSTA, Denise. Os impactos do Pibid nas licenciaturas e na educação básica//The impacts of Pibid in licensure and in Basic Education. **CONJECTURA: filosofia e educação**, p. 98-121, 2013.

PINTO, Ana Lúcia Guedes. Memorial de Formação: Registro de um Percurso. 2013. profissionais da educação? **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 143-153, set./dez., 2011.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa Pedagógica E Memoriais De Formação: Escrita dos profissionais de educação. **Revista Teias**, [S.l.], v. 12, n. 26, p. 11 pgs., dez. 2011. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24216>>. Acesso em: 27/04/2022.

RIVERO, Catarina; PIRES, Marta Borges. Rivalidade entre irmãos. **Academia.edu**. Lisboa. 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/1020012/RIVALIDADE_ENTRE_IRM%C3%83OS> Acesso em: 18/03/2022.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1991. p. 63-88

SANTOS, Gildeir Carolino. **Roteiro para elaboração de Memorial**. Campinas, SP: graf. FE, 2005.

SAVIANI, Dermeval Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavirus e educação: o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1. 2020. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1463>> Acesso em: 30/03/22.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar**. Tradução: Cássia Zanon. 1.ed. São Paulo: nVersos, 2015.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. Cortez. São Paulo, 2001.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)**. Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> Acesso em: 21/03/22

TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli. **Aprendizagem da docência e profissionalização**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista brasileira de Educação**, v. 13, n. 5, p. 5-24, 2000. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> Acesso em: 29/03/22.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: vozes, 2002.

TAVARES, Priscilla Albuquerque et al. A falta faz falta? Um estudo sobre o absenteísmo dos professores da rede estadual paulista de ensino e seus efeitos sobre o desempenho escolar. **Encontro Nacional de Economia**, v. 37, 2009.